

Governo e mercado num teste de nervos

ONDA PASSAGEIRA OU INFLAÇÃO? AUTORIDADES ESPERAM, ANTES DE PÔR EM RISCO O CRESCIMENTO

ROLF KUNTZ

Não se trata ainda de uma escolha de Sofia, comparação usada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, em Florença, para descrever os dramas presidenciais do lado de baixo do equador. Mas a decisão poderá ser inevitável dentro de pouco tempo, se a situação desandar. Conter a inflação é essencial. Garantir o crescimento econômico é muito importante. A opção pelo crescimento será ainda mais tentadora nos próximos meses, por causa das eleições municipais, previamente muito difíceis para o governo. Se elevar os juros neste momento, para deter a alta de preços, o Banco Central poderá matar a recuperação da economia. Será possível combinar os dois objetivos, inflação contida e aumento da atividade? É esta a esperança do governo, segundo as explicações oficiais.

O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Edward Amadeo, rejeita a palavra aposta. É inadequada, em sua opinião, para definir uma política oficial. Mas a equipe econômica está jogando, sem dúvida, numa situação de risco. Se a sua avaliação estiver correta, os aumentos de preços tenderão a esgotar-se em pouco tempo,

mesmo com maiores gastos de consumo no fim do ano. Sobrará, se der tudo certo, apenas uma alteração de valores relativos, num nível mais alto de preços. A outra hipótese, por enquanto descrita como a menos provável, é a mudança de ritmo da inflação.

O risco existe, admite o secretário de Política Econômica, especialmente se as expectativas piorarem, no mercado, e se isso afetar os fundamentos da economia. Expectativas desfavoráveis podem refletir-se, por exemplo, na taxa de câmbio, ou em pressões para indexação salarial. Por enquanto, o mercado cambial parece muito mais calmo do que há um mês. Alguma pressão ainda poderá ocorrer até o fim do

ano, se aumentar o nervosismo nos mercados de capitais, por causa do bug ou de qualquer outro fator. Não há, motivo, no entanto, para antecipar qualquer ação mais dura do governo. Se se tratar de pressões passageiras, a intervenção do BC resolverá o problema. Além disso, o governo mantém a expectativa de uma acomodação dos preços agrícolas, nos próximos meses. Isso dependerá de pelo menos um fator incontrolável, o tempo. Por enquanto, as chuvas parecem estar voltando à normalidade.

Há uma porção de "ses". O

governo continua a esperar, segundo Amadeo, um efeito limitado da variação cambial sobre os preços ao consumidor. Não haverá maior motivo para susto, se a transmissão ficar em algo como 12% ou 13%. Isso quer dizer uma inflação de 8% ou pouco mais, para uma variação do dólar de 60%. Uma instabilidade cambial mais forte e mais duradoura, no entanto, poderia criar problemas. Nesse caso, diz o secretário, o risco estaria de novo balançando o cachorro.

Quanto à procura, deve manter-se limitada, mesmo com o 13.º salário e com alguns aumentos maiores que os dos últimos anos, segundo a avaliação de Amadeo. Não há indexação de salários, nem, portanto, reajustes determinados de forma horizontal, para todas as categorias. Até agora, além disso, o Tribunal Superior do Trabalho tem derubado as decisões tendentes a favorecer a reindexação. Também há, segundo argumenta o secretário, capacidade ociosa na indústria e grande oferta de mão-de-obra. Os empresários podem aumentar a produção para atender ao crescimento da demanda, se for necessário, sem precisar de novos investimentos a curto prazo. Também poderão dispor de trabalhadores adicionais, sem grande pressão sobre o salário médio de cada setor.

Essas condições, embora o secretário nem mencione o detalhe, são de fato aquelas ne-

cessárias para a retomada do crescimento no próximo ano. O governo nem tem discutido com muito afinco, publicamente, como se dará o aumento da atividade previsto para 2000. Se o poder de consumo pouco aumentar nos próximos tempos, a reativação dependerá provavelmente de um razoável impulso da exportação e de algum investimento gerador de muito emprego — na construção, provavelmente. O investimento público difficilmente poderá aumentar em ritmo suficiente para dar um grande embalo à economia, no primeiro semestre do próximo ano.

No momento, a questão mais fascinante é outra: até quando o governo estará disposto a esperar para saber se a alta de preços é passageira, de fato, ou se o risco de inflação é iminente? Será um teste de nervos, mas o interesse em preservar a recuperação da economia funcionará, provavelmente, como forte incentivo. No caminho, outros problemas ainda poderão surgir. A alta dos preços do petróleo poderá complicar o jogo. Além do mais, o governo pode estar preparado para controlar seus nervos. Mas estará preparado para controlar os nervos de consumidores, empresários, sindicalistas e operadores do sistema financeiro? Dificilmente, se isso depender da eficácia da comunicação oficial.

■ Rolf Kuntz é jornalista